

DIVERSIDADE DE GÊNERO,
ETNIA E RAÇA NA ESCOLA:
uma possibilidade pedagógica para a

EDUCAÇÃO FÍSICA

Caderno Metodológico

Amanda Alcure Castro

Vitória-ES, 2023

REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional – PROEF
Campus de Vitória – ES

PRODUÇÃO E EXECUÇÃO

Amanda Alcure Castro

ARTE

André Lobo

SUPERVISÃO GERAL

Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Capellini Rigoni

COLABORADORES

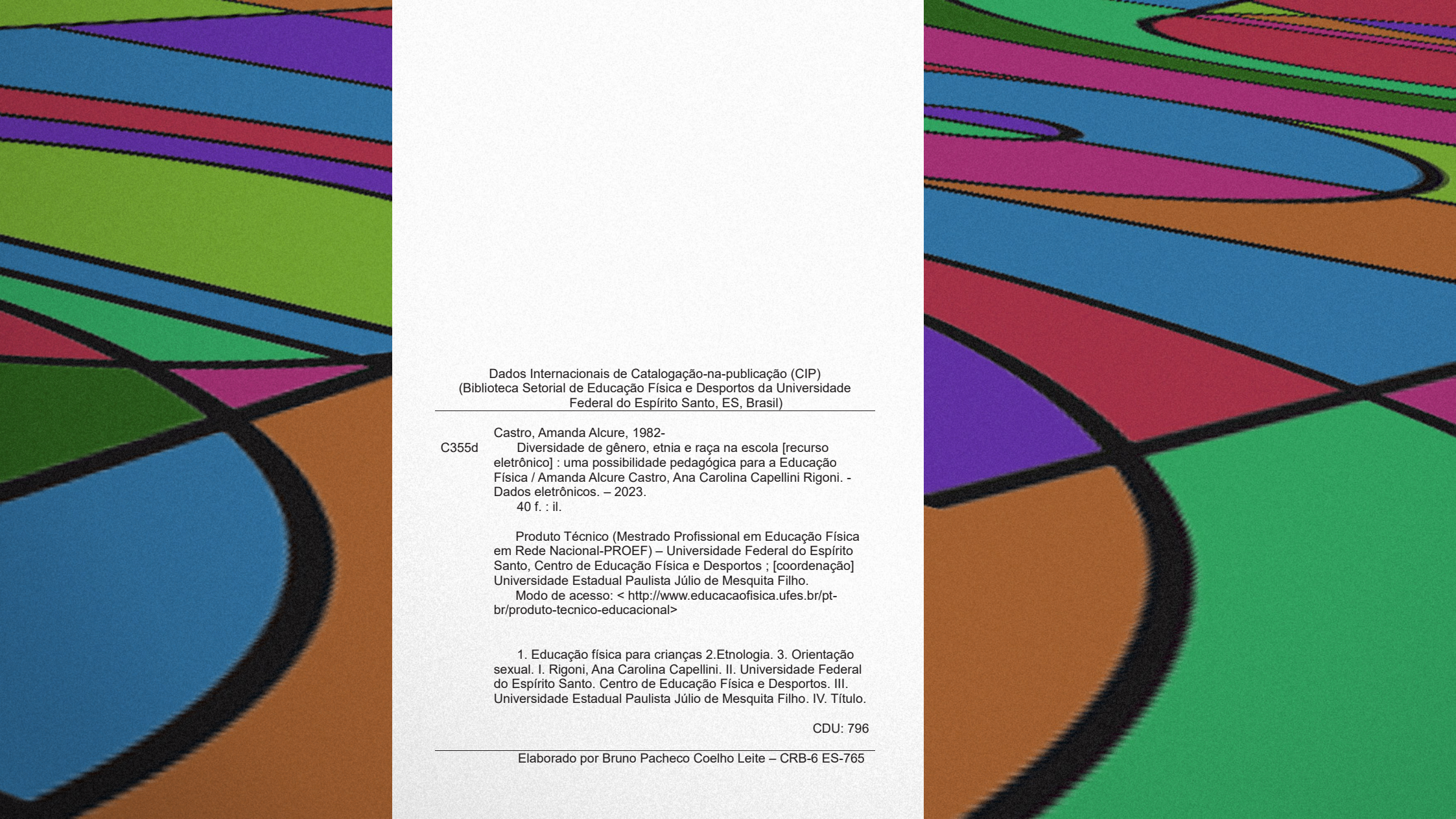
Estudantes do 8º ano e servidores/as do
CEEFM TI “Henrique Coutinho” no ano de 2022.

FOTOGRAFIAS E IMAGENS

Fotos extraídas da prática pedagógica da professora pesquisadora devidamente autorizadas pelos/as responsáveis legais dos/as estudantes. Imagens ilustrativas utilizando o aplicativo “Canva”.



Vitória – ES
2023



Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

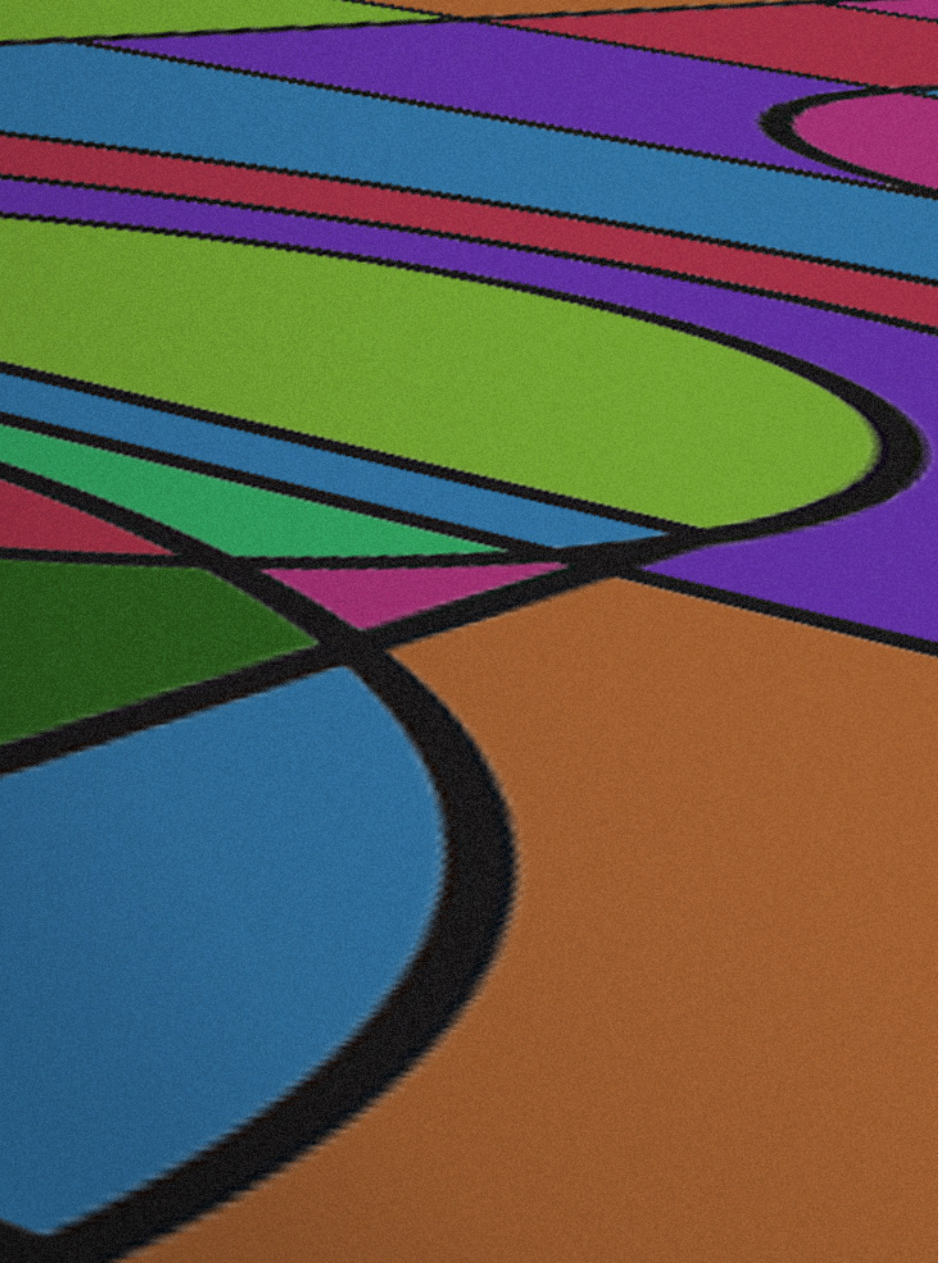
C355d Castro, Amanda Alcure, 1982-
Diversidade de gênero, etnia e raça na escola [recurso eletrônico] : uma possibilidade pedagógica para a Educação Física / Amanda Alcure Castro, Ana Carolina Capellini Rigoni. - Dados eletrônicos. – 2023.
40 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Modo de acesso: < <http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional>>

1. Educação física para crianças 2. Etnologia. 3. Orientação sexual. I. Rigoni, Ana Carolina Capellini. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. IV. Título.

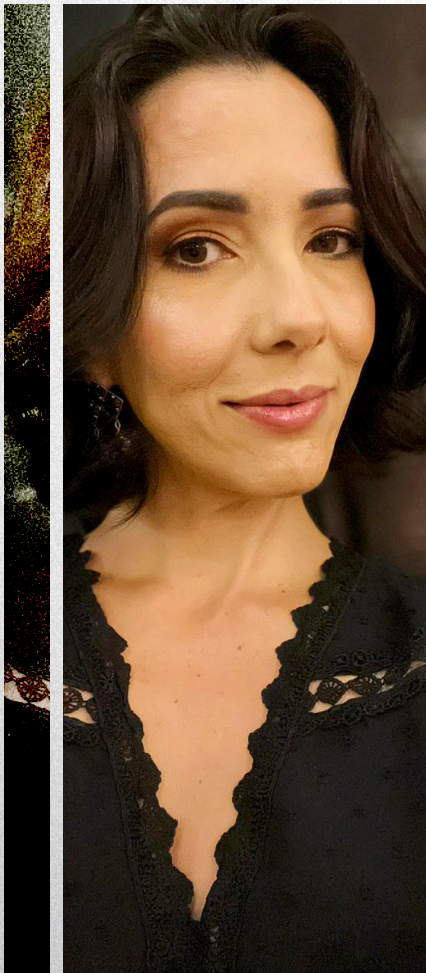
CDU: 796



SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO	6
2.1. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO	7
2.2. RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO	9
3. EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERSECCIONALIDADE	11
4. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DIVERSIDADES: O QUE TRAZEM DOS DOCUMENTOS NORTEADORES?.....	13
5. METODOLOGIA.....	15
6. UNIDADE DIDÁTICA	16
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	37

I. APRESENTAÇÃO



Saudações! Sou Amanda Alcure Castro, natural de Iúna/ES e professora da rede pública estadual do Espírito Santo desde 2013. Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física (UFES) e pós-graduada em Educação Física Adaptada (FEAC), ingressei no mestrado profissional – ProEF/UFES em 2021 sedenta por diálogos francos e trocas de experiências com colegas professores/as que, assim como eu, vivenciavam diariamente a realidade do “chão da escola”.

Durante toda minha jornada profissional sempre busquei atuar promovendo equidade e o respeito entre os/as estudantes. Porém, nos últimos anos, algumas problemáticas sociais têm ganhado força e se manifestado mais intensamente no espaço escolar, como os preconceitos étnico-raciais e de gênero. Foi a partir dessa percepção que senti a necessidade de enfrentar essa realidade de frente, encarando as tensões que permeiam essas temáticas por meio de intervenção pedagógica, onde a participação ativa dos/as estudantes seria o ponto principal.

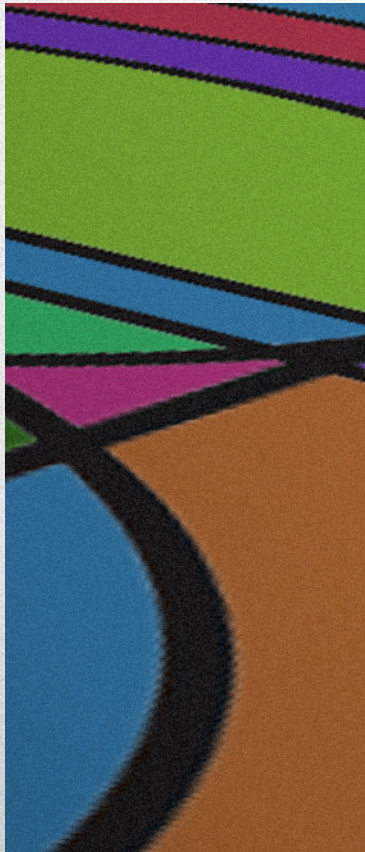
Este produto educacional é fruto de minha pesquisa de mestrado intitulada “Diversidade de gênero, etnia e raça na Escola: uma possibilidade pedagógica para a Educação Física”, realizada em 2022 no CEEFMTI “Henrique Coutinho”, localizado em Iúna/ES, com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, orientada pela professora Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni. O objetivo central

dessa pesquisa intervenção foi compreender os limites e as possibilidades do trato pedagógico dos conteúdos da EF escolar, relacionado às questões da diversidade étnico-racial e de gênero. A partir disso, planejei uma unidade didática com 26 aulas que resultou nessa cartilha metodológica, possibilitando sua reprodução e readequação em outros espaços educacionais.

Espero que meu trabalho contribua com a luta por uma educação mais humanitária e com a valorização das diversidades, inspirando outros/as professores/as de EF a desenvolverem suas ações pedagógicas de forma contextualizada e humanizada, buscando fomentar entre os/as estudantes o senso crítico e a alteridade.

Por fim, dedico este trabalho a todos/as os/as estudantes com quem vivenciei o processo de ensino-aprendizagem ao longo desses primeiros dez anos profissionais, pois cada relação dessa me proporcionou trocas inestimáveis que contribuíram para me tornar a educadora que sou hoje e a chegar mais perto da educadora que almejo ser.

2 . CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO



Sabemos que a escola enquanto instituição secular tem um histórico bastante contestador. Durante muito tempo imperou nesses espaços a afirmação da cultura eurocêntrica em detrimento das demais. Essa tentativa de homogeneizar os corpos resultou em hierarquias e desigualdades que se refletem até hoje, principalmente na forma de racismo, homofobia, machismo e intolerância religiosa.

Nesse cenário observamos que a EF escolar, ao longo de sua história, em muito contribuiu para essa homogeneização dos corpos. Conforme apontam Castellani Filho (1989) e Darido e Rangel (2000), inicialmente, pautada numa perspectiva higienista (final do século XIX, início do século XX), a EF objetivava o desenvolvimento físico e moral através dos exercícios e da sistematização dos métodos ginásticos, reforçando o modelo militarista. Nas décadas de 1960 e 1970 ela passa a operar através de um modelo esportivista, pautado no tecnicismo e na lógica do treinamento. Como forma de crítica a este modelo, alguns grupos passam a defender a abordagem da psicomotricidade, e o que observamos foi a perda da especificidade da EF, que passou a servir de apoio às demais disciplinas curriculares (SOARES, 1996). Somente após a conhecida “crise da década de 1980” é que começam a surgir “atores [atrizes] e autores [autoras]”¹ (DAOLIO, 1997), mais críticos(as), que

¹ Utilizamos a flexão de gênero nessa citação pois há um destaque grande

começaram a pautar suas abordagens nos conhecimentos advindos das Ciências Humanas e que representam hoje o que chamamos de movimento renovador.

As pessoas que integraram esse movimento foram fundamentais no sentido de desconstruírem uma visão de corpo pautada exclusivamente pela biologia e anatomia. Foi essa nova forma de olhar para o corpo a partir de suas características sociais, culturais e históricas que produziu um rompimento fundamental na área. Na EF esse “olhar antropológico” permitiu que passássemos a enxergar o corpo e o ser humano não apenas a partir de um único aspecto fundado na natureza biológica, mas sim a partir de uma complexidade que engloba os aspectos biológico, sociológico, histórico, psicológico, entre outros.

Compreender o corpo também como algo socialmente concebido é uma das premissas para a o trato pedagógico da diversidade, porém nesse ponto a EF encontra grandes desafios. Apesar das crescentes discussões sobre a importância de se abordar mais profundamente temas como gênero, religião, etnia e raça ao se trabalhar com conteúdos da cultura corporal, as tensões e barreiras que ainda existem nesse campo dificultam ou desestimulam muitos/as professores/as a lidar diretamente com essas temáticas. Porém, é preciso agir mesmo com limitações,

de mulheres nesse início do movimento renovador, tais como Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal e Micheli Ortega Escobar.

pois será a partir de ações rotineiras que esse cenário será transformado. É preciso atribuir significados ao que propomos e encarar nosso papel de educadores/formadores de cidadãos críticos com responsabilidade e ética.

Para tanto, entender as culturas como resultantes das relações sociais nos leva a compreender seu caráter político, uma vez que hierarquias sociais geram hierarquias culturais, e se buscamos entender melhor determinada cultura precisamos considerar as relações de poder nas quais estão submersas. Com esse olhar cuidadoso é possível compreender melhor o sentido histórico e simbólico que determina as diferenças e seus significados.

Precisamos, enquanto educadores/as, encarar conceitos como identidade e diferença como elementos da subjetividade humana, recusando a continuidade da visão eurocêntrica e heteronormativa como ponto de partida para validação e categorização das demais culturas. Se atuamos em uma instituição escolar que se intitula democrática, esta precisa ser pautada em posturas pedagógicas que atendam ao preceito legal da educação como um direito social, no qual deve estar incluído o direito à diferença (GOMES, 2010, p. 20).

Por isso se faz importante proporcionar aos/as estudantes experiências educativas locais, simbólicas, representativas e contextualizadas que valorizem as singularidades

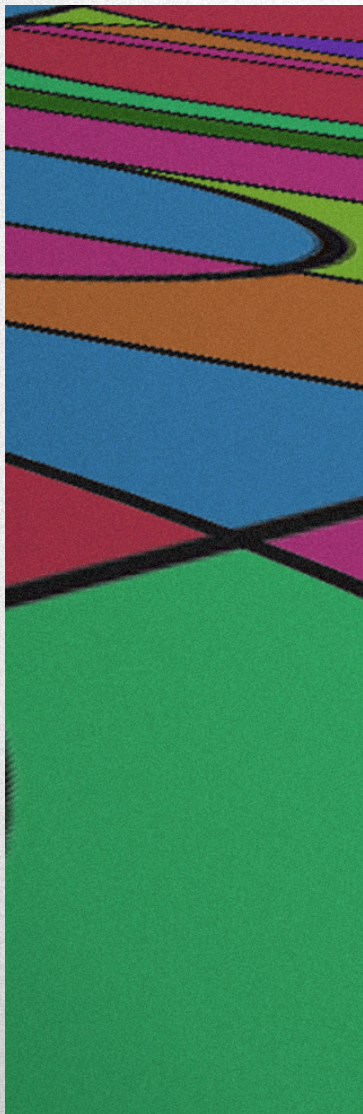
socioculturais e que sejam pautadas por um currículo diversificado. Precisamos compreender que tratar de ensino e aprendizagem é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder (SILVA, 2007, p. 491).

A partir desta compreensão enxergamos melhor os sujeitos ocultos do currículo e percebemos que ensinar e aprender exige convivência, reconhecimento, valorização, respeito e alteridade, e que há formas e meios distintos de se realizar esse processo.

2.1 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO

Falar de questões étnico-raciais no Brasil não é uma tarefa simples. Em nosso país ainda se faz presente o mito da democracia racial, muito provavelmente em função da miscigenação entre brancos/as, negros/as e indígenas que, desde o período colonial serviu de justificativa para essa aparente integração racial (MOCELIN; GROSSI, 2020). Somado a isso, temos a particularidade de sermos o último país da América a abolir a escravidão, e esse fato traz consigo inúmeras consequências negativas que ainda imperam nas representações sociais sobre a população afro-brasileira (CRELIER; SILVA, 2019).

O Brasil é reconhecido como o país com a maior população negra fora da África. Somos constituídos



majoritariamente por uma população de origem africana e, de acordo com dados do IBGE², há em torno de 900 mil indígenas no Brasil, povos originários que aqui já habitavam antes da chegada dos europeus e dos negros. Somente os povos indígenas somam 305 etnias que falam 274 distintos idiomas. Gonçalves (2019, p. 14) afirma que “nossa brasilidade é multiétnica e pluricultural, uma vez que se constitui de distintas raízes étnico-raciais”. No entanto, essa maioria populacional nunca esteve representada em todos os âmbitos da vida social, pois, embora exista igualdade jurídica, há mecanismos informais de discriminação que limitam o seu acesso a oportunidades, capacitações e esferas de decisões (MARINGONI, 2011). Essa realidade corrobora com a afirmativa de que vivemos ainda impregnados por um racismo estrutural, e compreender esse ponto é a chave para entender as desigualdades sociais que ainda imperam no Brasil. Por isso que a luta contra as desigualdades raciais e o racismo é um processo complexo e desafiador. É exatamente por isso que precisa ser desenvolvido de forma ética e persistente. Se a escola, enquanto instituição social revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas, ela também se torna um importante local onde isso pode ser superado.

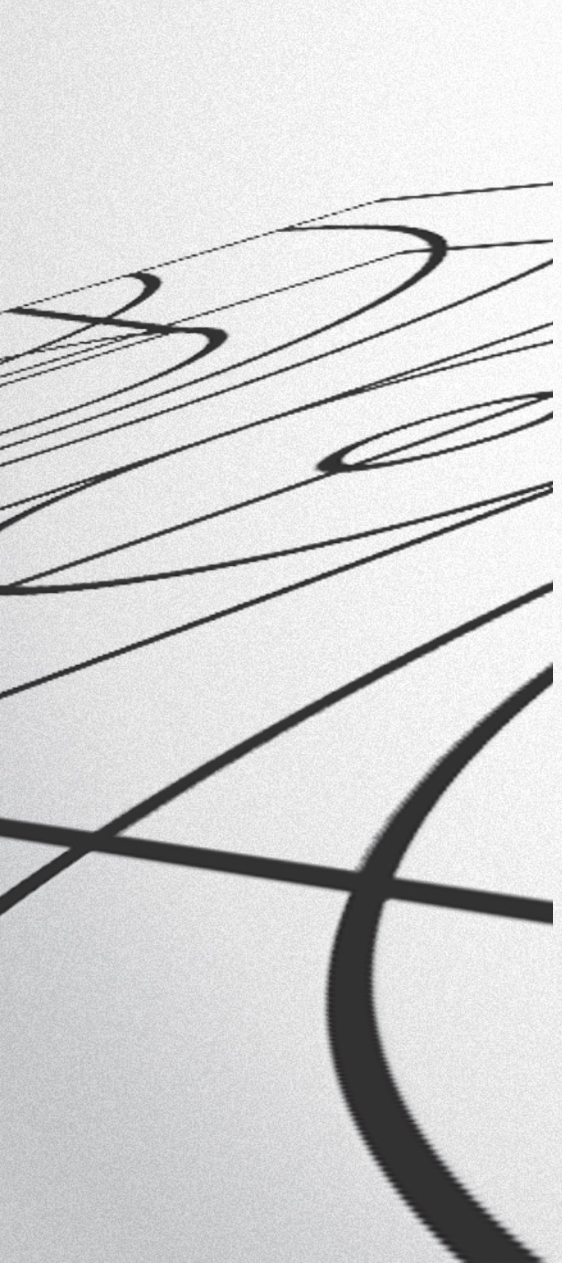
A escola pode assumir um papel fundamental na

² Disponível em <http://indigenas.ibge.gov.br>. Acessado em 12/06/2022.

ressignificação de conceitos étnico-raciais através de ações pedagógicas realizadas continuamente que fortaleçam relações equitativas, que estimulem a busca por conhecimentos científicos e que promovam a discussão de problemáticas sociais. Nesse sentido, reconhecer as populações que foram historicamente oprimidas e segregadas não é suficiente. É preciso promover práticas afirmativas e antirracistas que aprofundem a discussão sobre formação social do Brasil e conscientizar a população branca de que raça ainda é um determinante de ascensão e mobilidade social, bem como de desigualdades socioeconômicas (MOCELIN; GROSSI, 2020).

Tratar de diversidade é tratar de identidade, e a identidade negra, assim como todas as demais, também se constrói individualmente e socialmente. Mas no Brasil essa tarefa é ainda mais complexa, pois essa construção se dá entrelaçada por outros fatores como classe, gênero e raça e tudo isso no contexto das desigualdades que se sobrepõem a essa identidade em formação.

O fato é que atualmente já conseguimos identificar grandes progressos nesse campo de luta contra as desigualdades raciais, mesmo cientes de que muito ainda precisa ser conquistado. Se compararmos as últimas gerações negras no Brasil já é possível identificar mudanças fundamentais. Hoje os/as jovens negros/as se posicionam politicamente, discutem mais abertamente



sobre sexualidades, feminismo/machismo, classismo (entre outros), se afirmam e fazem questão de serem vistos e respeitados. E isso pode ser cada vez mais reforçado com posturas educacionais que reconhecem a urgência do trato mais aprofundado das questões relacionadas à diversidade étnico-racial.

2.2 RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO

A divisão das pessoas que ainda impera na sociedade moderna com base na anatomia humana e no binarismo é reflexo de regimes normativos que durante séculos legislaram sobre os corpos e, a partir de uma hierarquização que teve como padrão o homem, heterossexual, branco e cristão, impuseram e subjugarão todos os corpos que não se alinhavam com o ideal estabelecido (PRADO; RIBEIRO, 2014). Portanto, para compreendermos melhor o conceito de gênero precisamos sempre olhar para suas relações com diferentes dispositivos institucionais, como a família, a religião, a escola e o Estado, que ao longo da história se firmaram, entendendo que sua definição não pode ser uma ação generalista, uma vez que estará diretamente vinculada a um período histórico e a uma cultura determinada (DORNELLES; WENETZ, 2019).

Essa visão naturalizante dos corpos/sexos pautada

exclusivamente por uma composição corporal binária vem sendo contestada exatamente porque desconsidera outras influências, como a psicológica, a social e a cultural na definição de gênero (FERNANDES, 2010). Porém, apesar dos espaços conquistados, principalmente na esfera jurídica, como o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2011, e o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares em 2018, a temática de gênero e diversidade ainda não conseguiu se validar nas esferas públicas de maneira permanente (SILVA et al., 2020).

Segundo Campos (2015), seja como resultado dessas ações políticas ultraconservadoras ou pela dificuldade e/ou despreparo que educadores ainda encontram para trabalhar com a temática da diversidade de gênero, o fato é que após mais de vinte anos da publicação dos PCN's (1997), o trabalho com a temática "orientação sexual" ainda não se efetivou.

Porém, a realidade social tem demonstrado o quão urgente se faz o trabalho educacional de temas ligados às diversidades. Segundo dados do Atlas da Violência 2021, apesar de o Brasil ter apresentado uma redução de 18,4% nas mortes de mulheres entre 2009 e 2019, em 14 das 27 unidades federativas a violência letal contra mulheres aumentou. Nesse cenário, o estado do Espírito Santo se destaca, infelizmente. Dados recentes mostram que só em 2021 foram registrados trinta e oito feminicídios,

46% a mais que em 2020³. Outros dados revelam que a desigualdade é ainda maior na intersecção entre gênero e raça. Em 2009 a taxa de mortalidade de mulheres negras era 48,5% superior à de mulheres não negras, e em 2020 essa taxa subiu ainda mais, ficando em 65,8%. Além disso, entre 2009 e 2019, o total de mulheres negras vítimas de homicídios aumentou 2%, enquanto o número de mulheres não negras assassinadas caiu 26,9% no mesmo período.

Esse mesmo documento traz gráficos relativos à idade das vítimas LGBTQIAPN+ que demonstram que a juventude é o período de maior vulnerabilidade à violência. Revelam também que é na adolescência, no período de formação da identidade, o ponto mais alto da vulnerabilidade de pessoas não heterossexuais.

Além de confirmar a necessidade do trato com a diversidade no contexto social e escolar, esses dados reforçam outro ponto: a importância de se considerar a interseccionalidade na abordagem dessas temáticas.

³ Disponível em <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2022/11/43887/casos-de-feminicidio-sobem-46-em-um-ano-no-es.html>. Acessado em 12/02/2023.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade pode ser compreendida como uma ferramenta de análise que busca compreender os processos discriminatórios de forma simultânea, descartando a visão monolítica ou a mera sobreposição de fatores de opressão através de uma leitura da complexidade dos cruzamentos desses processos e das condições específicas que deles decorrem (DIMENSTEIN et al, 2020; KYRILLOS, 2020). Em outras palavras, a interseccionalidade lança um olhar sobre categorias identitárias que fazem parte da vida das pessoas e que representam marcadores sociais de desigualdade – raça e gênero, em destaque.

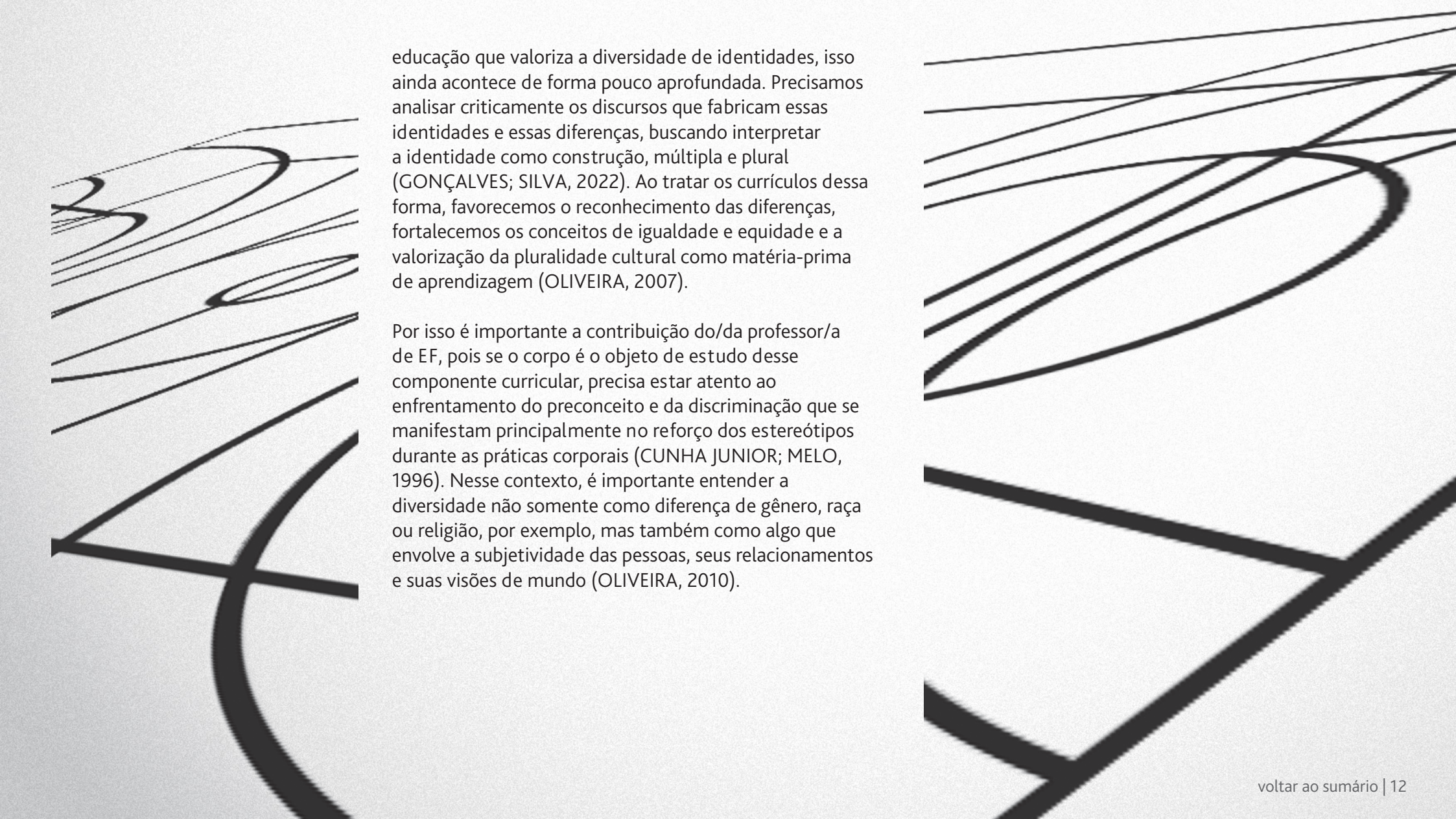
Trazendo esse olhar interseccional para a escola, o fato é que estamos longe de ter um espaço que reconheça e fortaleça os direitos à liberdade de gênero e de orientações sexuais (CRUZ; SANTOS, 2016) e que consiga debater sobre os marcadores sociais de desigualdades de forma conjunta, explorando sua complexidade. Nesse contexto a Educação Física, de modo particular, sempre teve dificuldade em lidar com a manifestação das diferenças, tendendo inclusive, ao longo de sua história, a neutralizá-las e silenciá-las (RANGEL et al., 2008), e como um dos resultados disso, encontramos ainda hoje uma EF escolar repleta de conflitos inerentes às interações sociais que exigem mediações constantes.

O fato é que abordar criticamente temas como racismo, machismo e homofobia, principalmente na escola, não

é uma tarefa fácil, porém necessária e urgente. A própria relação entre corpo e sexualidade que ainda é vista como um problema da modernidade tem pouquíssimo espaço de discussão aprofundada nos ambientes escolares, mesmo sendo esses importantes cenários de convivência entre sujeitos plurais (SEVERINO; GRANDE, 2017). Porém, se entendemos que a escola contribui consideravelmente para a formação da identidade das pessoas, não podemos continuar abordando as diversidades de forma esporádica e superficial, acreditando que basta organizar um desfile de beleza no dia da consciência negra ou pintar arco-íris em cartolinas no dia do orgulho LGBTQIAPN+¹, pois essas ações desconectadas dos conteúdos servem para relativizar o ensino, aumentar equívocos e reforçar os estereótipos já enraizados (GONÇALVES; SILVA, 2022; OLIVEIRA, 2007; RANGEL et al., 2008).

Nesse ponto a EF escolar tem muito a contribuir se propuser um trabalho crítico e contextualizado tendo como base as práticas corporais, uma vez que suas aulas são cenários potentes para confrontos múltiplos, principalmente de gêneros distintos. É possível colocar em debate temas importantes da diversidade, tendo o cuidado, como pondera Rangel (2006), para não reforçar a criação de estereótipos sobre os corpos, pois embora o currículo cultural da EF venha contribuindo para uma

¹ Sigla que representa pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/ Transexuais/ Travestis, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/ Arromânticas/Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-binárias e mais.



educação que valoriza a diversidade de identidades, isso ainda acontece de forma pouco aprofundada. Precisamos analisar criticamente os discursos que fabricam essas identidades e essas diferenças, buscando interpretar a identidade como construção, múltipla e plural (GONÇALVES; SILVA, 2022). Ao tratar os currículos dessa forma, favorecemos o reconhecimento das diferenças, fortalecemos os conceitos de igualdade e equidade e a valorização da pluralidade cultural como matéria-prima de aprendizagem (OLIVEIRA, 2007).

Por isso é importante a contribuição do/da professor/a de EF, pois se o corpo é o objeto de estudo desse componente curricular, precisa estar atento ao enfrentamento do preconceito e da discriminação que se manifestam principalmente no reforço dos estereótipos durante as práticas corporais (CUNHA JUNIOR; MELO, 1996). Nesse contexto, é importante entender a diversidade não somente como diferença de gênero, raça ou religião, por exemplo, mas também como algo que envolve a subjetividade das pessoas, seus relacionamentos e suas visões de mundo (OLIVEIRA, 2010).

4. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DIVERSIDADES: O QUE TRAZEM DOS DOCUMENTOS NORTEADORES?

Apesar das variadas críticas que já foram feitas sobre esses documentos educacionais neoliberais, principalmente sobre a BNCC que retirou de sua versão final menções feitas à diversidade de gênero e étnica-racial (CALLAI; BECKER; SAWITZKI, 2019; DOURADO; SIQUEIRA, 2019; NEIRA; SOUZA JUNIOR, 2016; NEIRA, 2018; OLIVEIRA, et al. 2021; TOLEDO, 2021), creio ainda ser possível deles extrair embasamentos que respaldam ações que tratem da diversidade no ambiente escolar, assegurando assim sua “legalidade educacional”. É o caso das competências específicas da EF para o Ensino Fundamental que nos apresenta a BNCC (2017, p. 223). Das onze descritas, esse trabalho tomou como embasamento quatro delas¹. Vejamos o que trazem:

4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.

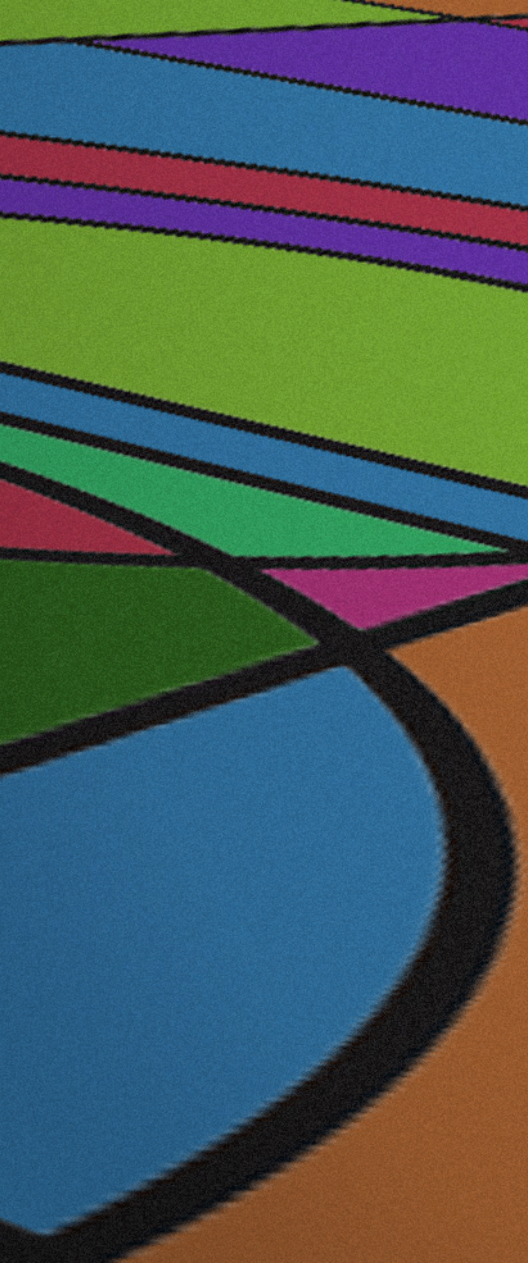
¹ Me refiro aqui ao fato de ter a obrigatoriedade, enquanto professora da rede estadual, de associar o conteúdo que ministro ao que é sistematizado pelo Currículo Estadual, associando meus objetivos pedagógicos ao desenvolvimento de habilidades e competências pré-determinadas pelo documento.

6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.

Da mesma forma, tomamos como uma das referências norteadoras a única habilidade descrita pela BNCC que faz menção ao eixo dessa pesquisa: “(EF89EF14) Discutir estereótipos e preconceitos relativos às danças de salão e demais práticas corporais [grifo nosso] e propor alternativas para sua superação” (BNCC, 2017, p. 237).

Já o Currículo do Espírito Santo² conseguiu se aprofundar um pouco mais no trato dessas questões. A partir dos doze temas integradores elencados pela BNCC, definiu novos temas diante das especificidades do Estado e dentre eles estão: Gênero, Sexualidade, Poder e Sociedade; Diálogo Intercultural e Inter-religioso. Além disso, alterou os temas Educação para o Consumo e Diversidade Cultural, já existentes na Base, para Educação para o Consumo Consciente e Diversidade Cultural, Religiosa e Étnica, respectivamente. Segundo o próprio documento curricular, “são temas que envolvem aprender sobre a sociedade atual, mudar comportamentos que comprometem a convivência democrática e estabelecer propostas de políticas públicas no futuro próximo” (p.

² Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/curriculo-do-espírito-santo>. Acessado em 03/10/2022.



32). Especificamente sobre a necessidade de inclusão do tema Gênero, Sexualidade, Poder e Sociedade, o documento traz a seguinte reflexão (p. 34):

A categoria de análise gênero aponta que, conforme os interesses presentes em cada sociedade e época, se produzem delimitações sobre os comportamentos desejáveis ou não, implicando nas possibilidades de acesso à educação e ao trabalho, nas maneiras de se vivenciar os afetos e a sexualidade. Essas diferenciações são ainda significativas para compreender o fato de uma pessoa ser alvo e tolerar uma violência porque o gênero assim o determina.

Sobre a necessidade de inclusão do tema "Diálogo Intercultural e Interreligioso", ele traz (p.35):

Em uma época marcada pela pluralidade de ideias religiosas e multiculturais, o Diálogo Intercultural e Inter-Religioso, baseado no respeito, no crescimento mútuo e nas relações baseadas em igualdade entre diferentes culturas, etnias e religiões, torna-se fundamental no combate aos preconceitos e às intolerâncias em vista de uma ética mundial. Não basta aceitar a diversidade, é necessário estabelecer com ela o diálogo construtivo.

Diante do exposto, e sem desconsiderar as valiosas discussões acerca das fragilidades dos documentos

educacionais norteadores, levantamos a hipótese de que a capacitação e o interesse são, de fato, os princípios movimentadores do trato com a diversidade no espaço escolar. Sobre isso, Toledo (2021, p. 22) afirma que "(...) as aulas podem acabar sendo reflexo mais de nossas visões de mundo e de área do que do próprio documento norteador, já que somos todos diferentes e, por isso, construímos modos diversos de ler e interpretar a BNCC".

Por isso reforçamos que, enquanto professores/as de EF, devemos partir do pressuposto de que as vivências que possibilitamos aos/as estudantes durante as aulas modificam não apenas o ser corpóreo, mas também abrangem outras tantas dimensões, atuando em sua formação como ser estético, social, afetivo, ético e político (GONÇALVES, 1991; SEVERINO; GRANDE, 2017). É nosso papel lidar com a diversidade e suas problemáticas de forma crítica e ética, estimulando a reflexão, expondo as raízes históricas dos preconceitos e buscando caminhos para legitimar o diferente e garantir a justiça e a equidade no espaço escolar, tomando como base o diálogo, o respeito e a alteridade.

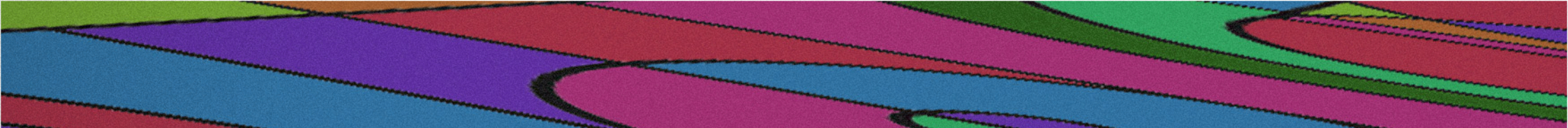
5. METODOLOGIA



Essa unidade didática foi desenvolvida com base em elementos da Pesquisa-Intervenção e apesar de ter sido planejada para estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, pode ser adaptada para outros anos, inclusive do Ensino Médio. Entendemos que a abordagem na perspectiva da Pesquisa-Intervenção é a ideal, pois além dela prezar pela horizontalização da relação pesquisador/a/ participante, nela o/a pesquisador/a não fica restrito à coleta de informações sobre a realidade, ele/a provoca reflexões e traz para a discussão diferentes posicionamentos, agindo de forma crítica, interferindo e sofrendo interferências da realidade (GALVÃO; GALVÃO, 2017).

Outra característica importante da Pesquisa-Intervenção é sua dimensão micropolítica de transformação social que busca uma interferência coletiva respeitando a ideia de que a consciência nessa realidade é sempre parcial e produzida por subjetividades plurais em permanente conflito (AGUIAR; ROCHA, 2003, 2007; PAULON, 2005). Portanto, esse é um tipo de pesquisa onde o vínculo entre a gênese teórica e a gênese social se acentuam, promovendo uma crítica, ampliando as condições de um trabalho compartilhado e afirmando o ato político que toda investigação deveria ter. Além disso, a relação dinâmica entre pesquisador/a e objeto pesquisado é que determinará o caminho da pesquisa, sendo esse uma produção coletiva de todos/as os/as envolvidos/as (AGUIAR; ROCHA, 2007).


A partir dessa perspectiva, este caderno metodológico foi organizado em 18 planos de aulas que agrupam 28 aulas de intervenção pedagógica pautadas por aulas expositivas e dialogadas. Como instrumentos de avaliação contínua aconselhamos estratégias de observação das aulas e das participações ativas com registros escritos, fotográficos e videográficos.





6. UNIDADE DIDÁTICA

PLANO DE AULA I

FUTEBOL GENERIFICADO

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
vivenciar uma metodologia de jogo que tematiza desigualdade de gênero; identificar e comparar características do jogo que se relacionam com questões de gênero; compreender a proposta da aula e relacioná-la às problemáticas de gênero em nossa sociedade.

 **Materiais e recursos didáticos:**
bola de futebol ou futsal, cones e coletes.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: explicação das regras iniciais do futebol generificado e divisão das equipes. **Parte 2:** realização da partida com as mudanças de regras no decorrer do jogo como sugere a metodologia original. **Parte 3:** roda de conversa sobre as percepções do jogo e análise crítica da relação do futebol generificado com as problemáticas sociais de gênero.

ENTRE NÓS...

O jogo sendo conduzido de acordo com a metodologia original do futebol generificado dificilmente não provocará questionamentos, principalmente das meninas, com relação às regras impostas. Nesse momento, nós professores/as precisamos fazê-los/las compreender as analogias sociais presentes no jogo e realizar uma análise crítica inicial sobre os papéis dos gêneros nesse contexto, provocando-os/as com perguntas do tipo: "Vocês acharam o jogo justo?", "Quem se incomodou com algo e por quê?", "Conseguem fazer alguma relação desse jogo com a forma como vivemos na sociedade?", "O que seria a zona de defesa? O que seria a zona de ataque?", entre outros questionamentos.

ADAPTAR É PRECISO?

Se na sua escola não tiver bola de futebol ou futsal, libere a bola que você permite chutar, e tudo certo! Não tem cones? Utilize garrafas pets. Não tem coletes? Camisas do avesso para uma das equipes ou um pedaço de tecido amarrado no tornozelo ajudam bem.


LINK DO VÍDEO "FUTEBOL GENERIFICADO":


<https://www.youtube.com/watch?v=scfhzSZonal&t=201s>



PLANO DE AULA 2

ESPORTE, GÊNERO E SOCIEDADE

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
identificar as desigualdades de gênero nos esportes e na sociedade; constatar vivências de gênero preconceituosas vividas na escola, na família e na sociedade; elaborar novas regras relacionadas ao futebol generificado que promovam mais equidade entre os gêneros.

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador, TV ou projetor.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: retomada das discussões sobre desigualdade de gênero iniciadas na aula anterior. **Parte 2:** Aprofundamento das discussões com reflexão sobre preconceitos de gênero sofridos, cometidos ou presenciados na escola, na família e/ou em outros espaços sociais. **Parte 3:** Criação de novas regras do futebol generificado visando maior equidade entre os gêneros.

ENTRE NÓS...

Procure realizar essa aula em um espaço mais reservado. Esse é um momento propício para fortalecer o respeito e a escuta ativa. Você pode conduzir a aula apenas com roda de conversa e reflexões ou pode também exibir vídeos sobre o tema da aula. Sugiro o vídeo “Invisible Players” (2min) e o documentário “Mulheres no esporte” (9min) que ajudará muito na contextualização das discussões.

ADAPTAR É PRECISO?

Se não tiver como exibir um vídeo para auxiliar na contextualização das discussões, tudo bem também. O que importa é a sua mediação consciente e intencional, buscando fazê-los/las refletir sobre a inserção das mulheres nos esportes e a relação desse processo com os aspectos socioculturais.

LINK DO VÍDEO "MULHERES NO ESPORTE":

<https://www.youtube.com/watch?v=L9dWpZZY3-w>

LINK DO VÍDEO "INVISIBLE PLAYERS":

<https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio&t=49s>


**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**


Você
consegue
citar três referências
femininas dos esportes
mundiais?

Você
tem ídolos
esportivos
femininos?

PLANO DE AULA 3

FUTEBOL GENERIFICADO ADAPTADO

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
compreender os conceitos e diferenças entre machismo e feminismo; conceituar e exemplificar machismo estrutural; identificar situações do dia-a-dia que estão relacionadas a esses temas.

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador, TV ou projetor.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Explicação das novas regras do futebol generificado e organização das equipes. **Parte 2:** Vivência do jogo adaptado. **Parte 3:** Roda de conversa sobre as novas percepções do jogo.

ENTRE NÓS...


Durante a partida poderão acontecer situações que exijam sua intervenção imediata e outras que servirão de base para a discussão ao final da vivência. Tenha em mente que, apesar deles/as adaptarem as regras do jogo objetivando maior equidade, é provável que aconteçam momentos de conflitos, principalmente entre meninos e meninas. Ao final, provoque questionamentos e reflexões do tipo: “O que as meninas sentiram com a mudança das regras?”, “Como foi a aceitação dos meninos diante da participação mais ativa das meninas?”, “Qual foi a dificuldade encontrada por ambos os gêneros?”, entre outras.




PLANO DE AULA 4

MACHISMO ESTRUTURAL

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
vivenciar o jogo de futebol generificado com regras adaptadas pelos/as estudantes; valorizar a participação feminina em um jogo culturalmente machista.

 **Materiais e recursos didáticos:**
bola de futebol ou futsal, cones e coletes.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Levantamento sobre o conhecimento prévio dos/as estudantes acerca do tema central da aula com explicação sobre os conceitos de machismo e feminismo.

Parte 2: Roda de conversa sobre machismo estrutural e sua relação com as problemáticas de gênero na sociedade e nos esportes.

ENTRE NÓS...

Essa é uma aula onde a nossa mediação é fundamental. Sugiro a exibição dos vídeos “A cultura do machismo e a violência contra a mulher” (5:52min) e “Sexualizadas desnecessariamente” (5:05min) para facilitar a contextualização das temáticas. São vídeos curtos, mas que abordam assuntos importantes e atuais, como a sexualização dos corpos de atletas citando casos que repercutiram mundialmente nesses últimos anos. Lembre-se que apesar de serem temas que ainda geram polêmicas, precisamos abordá-los com ética e responsabilidade, pois o enfrentamento dos conflitos que acontecem entre os gêneros nas aulas de EF perpassa por esses assuntos mais amplos que permeiam nossa sociedade há séculos.

LINK DO VÍDEO “A CULTURA DO MACHISMO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER”:

https://www.youtube.com/watch?v=DHp6_6ZApvE&t=293s

LINK DO VÍDEO “SEXUALIZADAS DESNECESSARIAMENTE”:

<https://www.youtube.com/watch?v=PEODakIMPAAE>

**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**


Você
já sofreu
machismo?


Você
já agiu de forma
machista?


Você
é capaz de
reconhecer atitudes
machistas no seu
convívio social?

PLANO DE AULA 5

ARCOS, BOLAS E CORDAS

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
manipular objetos buscando a não reprodução de movimentos padrões; expressar-se criativamente individual e coletivamente; conhecer alguns dos elementos da Ginástica Rítmica (GR).

 **Materiais e recursos didáticos:**
cordas, bolas e bambolês.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Divisão dos três grupos (cada grupo fica com um elemento), com explicação da atividade: eles/as precisarão manusear os elementos buscando a não realização de movimentos padrões. **Parte 2:** Ao sinal do/a professor/a os grupos trocam de elementos entre si, permitindo que todos/as manuseiem os três elementos. **Parte 3:** Roda de conversa sobre as percepções da atividade com explicação sobre a relação desses elementos com a Ginástica Rítmica (GR).

ENTRE NÓS...

Será comum vê-los/as manuseando os elementos reproduzindo movimentos padrões, como quicar ou chutar bola, pular corda e girar bambolê na cintura, mesmo com a solicitação feita inicialmente para que não fizessem isso. Também será comum você perceber dificuldades encontradas por eles/as para pensarem em movimentos diferentes, mas reforce a importância de exercitarem a criatividade, podendo, para tanto, realizar movimento individualmente ou em grupo. Ao final, relacione a utilização desses elementos à Ginástica Rítmica, mas sem se aprofundar nas questões de gênero. Deixe esse momento para a próxima aula.





ADAPTAR É PRECISO?


O ideal é que você tenha cordas individuais, bambolês e bolas, mas sei que essa não é a realidade de muitas escolas. Realize a atividade com o máximo de material possível. Eu mesma utilizei duas bolas (uma de futebol e uma de voleibol), duas cordas e 6 bambolês.

PLANO DE AULA 6

GINÁSTICA RÍTMICA

 **Tempo estimado:**
2 aulas.

 **Objetivos:**
identificar fundamentos e características básicas da GR; vivenciar movimentos básicos da GR utilizando elementos do esporte; relacionar a prática de GR às questões de gênero debatidas na escola.

 **Materiais e recursos didáticos:**
cordas, bolas, aros, fitas e maças.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Divisão dos cinco grupos (cada grupo fica com um elemento), com explicação da atividade: eles/as precisarão manusear os elementos buscando reproduzir um fundamento específico da GR selecionado pelo/a professor/a. **Parte 2:** Ao sinal do/a professor/a os grupos trocam de elementos entre si, permitindo que todos/as manuseiem os cinco elementos e reproduzam todos os fundamentos elencados pelo/a professor/a. **Parte 3:** Roda de conversa sobre as percepções da atividade com ênfase na discussão de gênero associada à GR.

ENTRE NÓS...

Selecione para essas aulas fundamentos básicos da GR para que eles/as possam reproduzir utilizando todos os cinco elementos. Procure incentivar e observar a participação de todos/as, mas principalmente dos meninos. Ao final da vivência, explique a relação daqueles movimentos com a Ginástica Rítmica e o motivo que o/a levou a escolher essa vivência para eles/as experimentarem. Provoque reflexões do tipo: "Sabendo que é um esporte culturalmente associado ao gênero feminino, qual a opinião dos meninos com relação à realização dos fundamentos?", "Alguém acha que esse esporte deve ser específico para um determinado gênero e por quê?", "Acreditam que seja possível vivenciar esse esporte nas escolas nas aulas mistas?", entre outras.

ADAPTAR É PRECISO?

Nessas aulas utilizei elementos oficiais da GR porque havíamos solicitado a compra desse kit no ano anterior, mas você pode continuar utilizando apenas os três elementos da aula anterior (corda, bola e bambolê) e acrescentar aqui uma aula extra para a confecção de maças e fitas com os/as estudantes utilizando materiais alternativos como jornal, garrafas pets, sacolas e palitos.

LINK PARA CONFECCÃO DE MAÇAS:

<https://www.youtube.com/watch?v=0YVNRmzk5rc>


LINK PARA CONFECCÃO DE FITAS:


<https://www.youtube.com/watch?v=G0dlezboTmU>




PLANO DE AULA 7

PRÁTICAS CORPORAIS E GÊNERO

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
identificar práticas corporais que culturalmente têm relação com um gênero específico; selecionar práticas corporais para serem vivenciadas na escola que tenham relação com a temática de gênero.

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador ou celular e internet.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Roda de conversa sobre esporte, cultura e gênero.
Parte 2: Seleção de práticas elencadas pelos/as estudantes que são relacionadas culturalmente a um gênero específico e que possam ser desenvolvidas (de forma adaptada ou não) nas aulas de EF.

ENTRE NÓS...

Procure levar para a aula referências históricas das mulheres nos esportes. É importante que os/as estudantes tenham a percepção de quais práticas corporais eram permitidas às mulheres participarem e quais eram destinadas exclusivamente aos homens. Estimule a criticidade dos/as estudantes provocando questionamentos do tipo: “Por que quando o menino nasce ganha bolas e quando a menina nasce ganha bonecas?”, “Por que ainda lidamos de forma preconceituosa com a menina que gosta de esportes de maior contato físico e com o menino que não gosta de futebol?”

No momento da pesquisa, caso os/as estudantes não consigam elencar variadas práticas corporais você pode auxiliá-los/as e orientá-los/as sugerindo alguns exemplos. Algumas práticas possíveis de serem selecionadas são: futebol, lutas e esportes de aventura, mais relacionados ao gênero masculino, e voleibol, danças e ginástica, mais associados ao gênero feminino.

ADAPTAR É PRECISO?

Você pode usar computadores da escola para a pesquisa, celulares pessoais ou apenas uma discussão com base nos conhecimentos prévios dos/as estudantes, caso não consigam acessar a internet. O que importa é vê-los/as refletindo e associando práticas corporais a determinado gênero.

**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**


Você
se lembra
de quais eram seus
brinquedos favoritos
quando criança?

Você
já quis brincar com
algum brinquedo que lhe foi
negado por acharem que não era
adequado para seu gênero?

PLANO DE AULA 8

JOGOS DE OPOSIÇÃO

 **Tempo estimado:**
2 aulas.

 **Objetivos:**
vivenciar, de forma mista, jogos de oposição reconhecendo habilidades e fundamentos similares aos das lutas em geral; identificar características das lutas que estão relacionadas ao preconceito de gênero; reconhecer as lutas como prática corporal possível de ser trabalhada nas aulas de EF.

 **Materiais e recursos didáticos:**
tatames e colchão.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Explicação das regras dos jogos de oposição e organização das duplas adversárias com base no peso e tamanho corporal independentemente do gênero. **Parte 2:** Vivência dos jogos de oposição “empurra-empurra”, “pé com pé” e “agarra bastão”. **Parte 3:** Roda de conversa sobre as percepções da vivência com base nas discussões de gênero.

ENTRE NÓS...

Essa aula foi planejada com base na seleção do conteúdo “Lutas” feita pelos/as estudantes como prática associada ao gênero masculino. O intuito foi o de abordar o tema por meio de uma vivência mista que levantasse a reflexão sobre a participação das mulheres em práticas que exijam força, como os jogos de oposição. É importante mostrar para todos/as que essa vivência pode e deve ser realizada de forma mista, sem critério de gênero para determinar as duplas adversárias, que são

definidas a partir de uma aproximação de peso e altura. Ao final da vivência, procure levantar questionamentos do tipo: “As meninas sentiram alguma dificuldade?”, “Como se sentiram todos/as com a forma como as duplas foram organizadas?”, “Alguém acha que essa vivência deve ser realizada por apenas um dos gêneros?”, entre outros.

ADAPTAR É PRECISO?


Na ausência de tatames ou colchão procure realizar os jogos em espaços onde o piso não seja escorregadio.



PLANO DE AULA 8

JOGOS DE OPOSIÇÃO

 **Tempo estimado:**
2 aulas.

 **Objetivos:**
vivenciar, de forma mista, jogos de oposição reconhecendo habilidades e fundamentos similares aos das lutas em geral; identificar características das lutas que estão relacionadas ao preconceito de gênero; reconhecer as lutas como prática corporal possível de ser trabalhada nas aulas de EF.

 **Materiais e recursos didáticos:**
tatames e colchão.

EXPLICAÇÃO DOS JOGOS:

“Empurra-empurra”: de frente um/a para o/a outro/a, posicionar as mãos próximas aos ombros do/a adversário/a e, ao sinal, tentar empurrar o/a oponente para fora do tatame.


“Pé com pé”: sentados/as no colchão, de frente um/a para o/a outro/a com os pés se tocando e, ao sinal, tentar empurrar o/a oponente para que ele/a se desequilibre e toque as mãos ou as costas no colchão.


“Agarra-bastão”: sentados/as de frente um/a para o/a outro/a segurando um bastão e com as solas dos pés se tocando, ao sinal, tentar retirar o/a adversário/a da posição sentada.



PLANO DE AULA 9

GÊNERO E SEXUALIDADE

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
conceituar gênero, sexo e orientação sexual; conhecer e distinguir diferentes formas de identificação de gênero; reconstruir o trato com a diversidade de gênero, respeitando as individualidades.

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador, TV ou projetor.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Explicação sobre os conceitos e diferenças entre os termos gênero, sexo, sexualidade e orientação sexual.

Parte 2: Roda de conversa sobre preconceitos de gênero na escola e na sociedade.

ENTRE NÓS...

É importante que você inicie a aula lembrando a todos/as que por ser o corpo objeto de estudos da EF, as discussões acerca dele não perpassam apenas pelo campo biológico. Precisamos reforçar que o corpo também é uma construção sociocultural e que discussões como a dessa aula são necessárias e importantes para a ampliação do conhecimento e para o fortalecimento do respeito às diferenças.

Sugiro a exibição de dois vídeos para enriquecer a discussão, que podem ser exibidos no início da aula: "Sexualidade: Sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero" (5:02min) que aborda por meio de uma narrativa didática os conceitos e as diferenças entre os termos, e o documentário "Depois da Tempestade" (24min) que aborda a LGBTFobia na escola, com depoimentos e questionamentos sobre qual é o espaço na escola para pessoas que não se encaixam no padrão heteronormativo e cisgênero.

ADAPTAR É PRECISO?

Se você não conseguir exibir os vídeos, tudo bem. Leve a discussão sem o recurso audiovisual, mas indique para os/as estudantes esses ou outros vídeos que abordam a temática.

LINK DO VÍDEO "SEXUALIDADE: SEXO, GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO":

<https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>

LINK DO VÍDEO "DEPOIS DA TEMPESTADE":

https://www.youtube.com/watch?v=g_RAbnK61N8&t=389s

Você acredita que numa competição esportiva existam ofensas válidas?


PROVOCANDO QUESTIONAMENTOS...


O que podemos fazer para fortalecer o respeito à diversidade de gênero na nossa sociedade?

Você consegue identificar a relação dessa aula com acontecimentos atuais do mundo esportivo?

PLANO DE AULA 10

VOLEIBOL E GÊNERO

 **Tempo estimado:**
3 aulas.

 **Objetivos:**
conhecer os fatores históricos e culturais envolvidos na relação do voleibol com os preconceitos de gênero; identificar posicionamentos preconceituosos durante a vivência de voleibol; experimentar alguns fundamentos do voleibol.

 **Materiais e recursos didáticos:**
rede e bola de voleibol.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Conversa sobre a história do voleibol e sua relação com o gênero feminino e levantamento de situações preconceituosas relacionadas a esse esporte.

Parte 2: vivência de fundamentos e jogo misto adaptado.

ENTRE NÓS...

É importante que na primeira aula você associe as questões de gênero à história do voleibol, relacionando sua trajetória inicial mais vinculada ao gênero feminino por ser um esporte de pouco impacto e contato físico,

além de levantar outras questões como a homofobia e a transfobia, muito destacadas na história do voleibol atual. Na segunda aula você pode priorizar as vivências adaptadas do voleibol, dando espaço para equipes mistas e fortalecendo as interações respeitadas e encorajadoras.


ADAPTAR É PRECISO?


Se na sua escola não tiver rede e bola de voleibol, utilize o material que tiver disponível e adapte uma vivência que tenha como base a colaboração entre os integrantes da equipe mista.



PLANO DE AULA II

PRECONCEITOS DE GÊNERO NOS ESPORTES

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
conhecer as novas regras do Comitê Olímpico Internacional (COI) sobre a participação atletas transgênero nos esportes; apontar posicionamentos preconceituosos camuflados de opinião pessoal; identificar os diferentes fatores (fisiológicos, sociais, culturais, religiosos, entre outros) envolvidos nas questões de gênero e esportes.

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador e TV ou projetor.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Exibição da reportagem da TV Globo, de abril de 2022, sobre casos de atletas que sofrem homofobia e transfobia no MMA (6:43min) e exibição da reportagem da Record, de outubro de 2019, que discutiu sobre a inclusão feita pelo Comitê Olímpico Internacional desde 2015 de mulheres trans nas equipes femininas (6:17min).

Parte 2: Roda de conversa sobre percepções dos/as estudantes com mediação responsável e ética do/a professor/a.

ENTRE NÓS...

As reportagens trazem entrevistas com atletas que sofrem os preconceitos e também com ex-atletas, médicos e políticos que colocam seus pontos de vista sobre as questões levantadas. É interessante a percepção sobre algumas falas preconceituosas camufladas de opinião. Tenha ciência de que se trata de um assunto recente na história dos esportes e que muitas dúvidas e questionamentos podem surgir. Se informe sobre as últimas alterações nas leis e lembre-os/as sempre sobre a diferença entre opinião/liberdade de expressão e preconceito/crime.

ADAPTAR É PRECISO?

Se não conseguir transmitir as entrevistas por falta de recurso midiático em sua escola você pode assistir e anotar as principais falas e levar para uma roda de conversa com os/as estudantes.


PROVOCANDO QUESTIONAMENTOS...


Você compreende que independente das nossas opiniões esse assunto deve ser tratado com ética e respeito e que dúvidas sobre o tema são comuns?

Você consegue identificar alguma fala preconceituosa nas entrevistas apresentadas?

PLANO DE AULA 12

CORRIDA DO PRIVILÉGIO

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
vivenciar uma prática competitiva que privilegia determinados grupos sociais; identificar diferentes categorias de privilégio social; conceituar igualdade, equidade e meritocracia.

 **Materiais e recursos didáticos:**
quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Realização da dinâmica “corrida do privilégio”.

Parte 2: Roda de conversa sobre as percepções da dinâmica.

ENTRE NÓS...

Essa é uma proposta interessante, pois consegue levantar a discussão sobre privilégios sociais a partir de uma vivência prática competitiva que agrada a muitos/as. Compete a você mediar as discussões que surgirão e incentivar as reflexões e o fortalecimento do senso crítico dos/as estudantes.

A dinâmica foi inspirada em um vídeo da internet e adaptada para o contexto da intervenção pedagógica. Os/as estudantes são posicionados/as lado a lado para participarem de uma corrida, porém imediatamente antes da largada comunique que você precisará realizar uma intervenção e que à medida que o/a estudante se identificar com os critérios que você enunciar, ele/a deve dar um passo à frente. Sugiro a utilização dos seguintes critérios de privilégios: ser homem, ser branco/a, ser cristão/ã, ter um corpo padrão, ser heterossexual, ser cisgênero, ter uma família estruturada, ter diálogo e acolhimento em casa e não precisar trabalhar para ajudar com as despesas familiares. Tenha em mente que questionamentos e críticas surgirão e que servirão de base para as discussões após a corrida.

ADAPTAR É PRECISO?

Essa dinâmica consegue ser realizada em qualquer espaço, portanto caso não tenha uma quadra poliesportiva disponível, você pode escolher outro local para realizá-la.

**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**

Por que
você achou injusta?


○
que acharam da
corrida? Foi justa ou
injusta?

Você
identifica alguma
relação dessa dinâmica
com a nossa sociedade?

PLANO DE AULA 13

RACISMO ESTRUTURAL

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
compreender o conceito de racismo estrutural; discutir sobre os preconceitos étnico-raciais nas diferentes esferas sociais; identificar práticas corporais relacionadas historicamente às pessoas brancas e pretas/negras.

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador e TV ou projetor.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Explicação sobre o racismo estrutural e suas consequências sociais. **Parte 2:** Seleção, por meio de discussão e pesquisa, de práticas corporais que carregam estereótipos étnico-raciais.

ENTRE NÓS...

Para enriquecer a primeira parte da aula, sugiro a exibição do vídeo "O que é racismo estrutural?" (5min). Lembre-se que essa discussão inicial é importante para fomentar nos/as estudantes a compreensão da relação do racismo estrutural com os preconceito nos esportes.

ADAPTAR É PRECISO?

Mais uma vez, se não tiver recursos midiáticos para exibir vídeos na escola, leva as informação da forma que puder, procurando ser o mais didático possível.


**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**


Você consegue compreender a relação do racismo estrutural com a nossa organização social atual?

Você conhece algum negro/a que ocupe cargos de poder/status social?

PLANO DE AULA 14

TÊNIS

 **Tempo estimado:**
3 aulas.

 **Objetivos:**
conhecer a história do Tênis; experimentar fundamentos básicos do Tênis; vivenciar um jogo adaptado, preferencialmente com equipes mistas, para conhecer as regras básicas do Tênis; vivenciar criticamente uma prática corporal associada às pessoas brancas e à elite social; desconstruir os estereótipos do esporte Tênis.

 **Materiais e recursos didáticos:**
raquete e bolas de Tênis.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Apresentação da história do Tênis, suas regras e fundamentos básicos. **Parte 2:** Exploração dos equipamentos de Tênis e de fundamentos básicos. **Parte 3:** Vivência de um jogo misto adaptado.

ENTRE NÓS...

Você pode utilizar vídeos sobre a história do Tênis ou não. O importante é associar as raízes históricas desse esporte à elite europeia para que os/as estudantes compreendam melhor a relação desse esporte com os preconceitos étnico-raciais e de classe.

ADAPTAR É PRECISO?

Caso na sua escola não tenha materiais esportivos de Tênis, sugiro a confecção de equipamentos com materiais alternativos como papelão.


LINK DA CONFEÇÃO DE RAQUETES DE TÊNIS:


https://www.youtube.com/watch?v=U_gu11toxew




PLANO DE AULA 15

KING RICHARD: CRIANDO CAMPEÃS

 **Tempo estimado:**
3 aulas.

 **Objetivos:**
conhecer um pouco da história de duas das maiores tenistas do mundo, Serena e Venus Williams; identificar cenas do filme que se associam com as temáticas problematizadas na intervenção pedagógica, como preconceito étnico-racial, de classe, de gênero, machismo, patriarcado, entre outros; refletir sobre as habilidades socioemocionais que se destacam na história.

 **Materiais e recursos didáticos:**
TV ou computador e internet.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Exibição de um filme que aborda questões sociais, raciais, familiares e esportivas. **Parte 2:** Discussão sobre o filme.

ENTRE NÓS...

Apesar do filme destacar o pai das tenistas Serena e Venus Williams, é importante estimular o senso crítico dos/as estudantes principalmente ao analisarem a trajetória de vida das filhas. Diversas discussões e questionamentos podem surgir a partir desse filme, cabe a você mediar esses momentos para que não sejam desconsiderados os fatores étnico-raciais, gênero e classe.

ADAPTAR É PRECISO?

Você pode utilizar apenas aulas da EF para exibir o filme e realizar as discussões ou planejar essa ação de forma interdisciplinar. No meu caso, essa aula foi realizada em parceria com a disciplina 'Projeto de Vida' o que gerou discussões interessantes.

**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**


Você consegue identificar cenas onde o machismo e/ou o racismo se manifestam?


Você acredita que elas seriam bem-sucedidas se não fosse a gerência do pai sobre a vida delas?


Se elas não tivessem se tornado profissionais consagradas do Tênis você acredita que a sociedade validaria as atitudes e condutas do pai?

PLANO DE AULA 16

GOLFE

 **Tempo estimado:**
3 aulas.

 **Objetivos:**
conhecer a história e as regras básicas do esporte golfe; identificar os elementos que ainda relacionam esse esporte ao homem branco de elite no Brasil e no mundo; elaborar estratégias e materiais para adaptação desse esporte no ambiente escolar; vivenciar uma prática adaptada do golfe com regras e elementos criados pelos/as estudantes.

 **Materiais e recursos didáticos:**
quadra ou área ampla, bolas (varia- dos tamanhos) e materiais alternati- vos (garrafas pets, canos PVC, entre outros).

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Apresentação da história, das características e das regras básicas do golfe com roda de conversa sobre relação desse esporte à elite branca. **Parte 2:** Planejamento coletivo para adaptação do esporte ao ambiente escolar. **Parte 3:** Vivência adaptada do esporte golfe.

ENTRE NÓS...

Essa aula poderá gerar muitas discussões, principalmente por se tratar de um esporte pouco conhecido da maioria dos/as estudantes. Dê espaço para que as dúvidas e os questionamentos sejam sanados. Aproprie-se dessa relação histórica do esporte com a elite europeia para auxiliá-los no desenvolvimento da criticidade.

ADAPTAR É PRECISO?

Você pode realizar essa aula com ou sem recursos midiáticos, mas como se trata de um esporte normalmente pouco conhecido pelos/as estudantes, as imagens ajudarão muito na compreensão de sua estrutura e logística.

Com relação ao material, em um planejamento participativo decidimos fazer os buracos e as

pistas do golfe utilizando garrafas pets, potes plásticos e papelão. Para os tacos utilizamos canos e joelhos de PVC.


LINK DO VÍDEO SOBRE HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO GOLFE:


https://www.youtube.com/watch?v=TPOU_dU5nbw&t=146s




PLANO DE AULA 17

PARDO OU PRETO?

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
compreender as definições de pardo, preto e negro no Brasil; Analisar criticamente a intolerância e o preconceito religioso presentes na escola e na sociedade.

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador, TV ou projetor.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Exibição do vídeo "Pardo ou Preto?" (16:24min), uma entrevista da escritora Luana Génot com o pastor Henrique Vieira. **Parte 2:** Roda de conversa sobre colorismo, limbo racial, religião e preconceitos no Brasil.

ENTRE NÓS...

Essa é uma aula muito importante dentro da temática, pois aborda os preconceitos étnico-raciais e suas vertentes, como a intolerância religiosa. Procure levar conceitos didáticos sobre colorismo e limbo racial e dados estatísticos do IBGE sobre os marcadores de cor de pele para que eles/as consigam ter mais referências que os/as auxiliem na compreensão do assunto.

ADAPTAR É PRECISO?

Caso não consiga recursos midiáticos para a exibição do vídeo, recomendo que leve um texto com a transcrição da entrevista (ou de parte dela) por causa da riqueza de informações e discussões que há nesse diálogo.

LINK DO VÍDEO "PARDO OU PRETO?":

<https://www.youtube.com/watch?v=N0G-RxI94cQ>


**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**


Por que será
que temos mais preconceito com
religiões de matriz africana do que com religiões
orientais como o budismo?

Você
consegue identificar
a relação da nossa colonização
com a prevalência de religiões
cristãs em nosso país?

PLANO DE AULA 18

BULLYING

 **Tempo estimado:**
1 aula.

 **Objetivos:**
conceituar e discutir sobre bullying no ambiente escolar; Analisar criticamente a relação do bullying com preconceitos étnico-raciais e de gênero; Refletir sobre os resultados da pesquisa-intervenção..

 **Materiais e recursos didáticos:**
computador, TV ou projetor.

DESENVOLVIMENTO

Parte 1: Exibição do documentário “Bullying: Machucar o outro não é brincadeira”. **Parte 2:** Momento de escuta afetiva. **Parte 3:** Reflexão sobre os aprendizados da pesquisa-intervenção.

ENTRE NÓS...

Essa aula foi planejada durante as primeiras semanas de intervenção pedagógica e sua introdução nesse contexto deve-se ao fato de que, no decorrer do processo, notamos que havia muita associação equivocada entre preconceitos e bullying. De forma geral, muitos/as estudantes, professores e familiares ainda relacionam falas e atitudes preconceituosas que acontecem no ambiente escolar ao bullying, o que contribui para minimizar a gravidade dessas problemáticas, bem como seu enfrentamento. Explicar as diferenças entre ambos e, principalmente, mostrar a gravidade e os problemas resultantes desses assuntos é fundamental no combate aos desrespeitos às diversidades.

ADAPTAR É PRECISO?

A exibição do documentário é muito valiosa, mas caso não tenha recursos midiáticos promova uma roda de conversa e leve para o debate notícias e reportagens sobre o tema. O importante é contextualizar e dar espaço para falas e escutas afetivas.

**PROVOCANDO
QUESTIONAMENTOS...**

Você já cometeu, foi vítima ou presenciou atitudes preconceituosas na escola sendo definidas com bullying?

Por que consideramos menos grave as atitudes preconceituosas quando cometidas por crianças e adolescentes no espaço escolar?

Quais ações podemos promover para combater essas atitudes? No que você pode contribuir?

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização desse trabalho me deparei com inúmeros obstáculos enquanto professora e enquanto mulher. Buscar direcionar a EF escolar para um caminho de reflexões críticas sobre o corpo, seu objeto de estudos, não é uma tarefa simples, muito menos fácil. Diariamente nos deparamos com a cultura escolar nos mostrando a força de seu histórico heteronormativo, patriarcal e cristão. Porém, apesar disso tudo – e talvez até mesmo por isso tudo, o que poderia ser visto apenas como uma árdua obrigatoriedade acadêmica se tornou um necessário, prazeroso e frutífero projeto de intervenção.

Sabemos que encarar essas problemáticas sociais que há séculos se manifestam nas instituições escolares gera tensões e conflitos, pois envolvem a mudança de valores e crenças muito enraizados. Todavia, nós da EF escolar temos em mãos um componente curricular rico em possibilidades pedagógicas, o que nos permite explorar o corpo por outras vertentes que não apenas a biológica, conectando esse objeto de estudo aos aspectos culturais, sociais e políticos, entre outros.

Sei que essa intervenção pedagógica não é suficientemente capaz de promover mudanças profundas, mas sei que é um passo firme dado nessa direção. Creio que a maior contribuição desse caderno metodológico está no que ele aponta – há um caminho a ser percorrido e que exigirá, acima de tudo, disposição. Professores e professoras, juntemo-nos!

DOURADO, L. F.; SIQUEIRA, R. M. **A arte do disfarce: BNCC como gestão e regulação do currículo.** Revista Brasileira de Política e Administração da Educação- Periódico científico editado pela ANPAE, v. 35, n. 2, p. 291, 2019.

FERNANDES, S. C. **"Cadê a bola, Dona?" ou Sobre os significados de gênero nas aulas de educação física.** Educação física escolar: Olhares a partir da cultura. Campinas: Autores Associados, v. 1, p. 101-120, 2010.

GALVÃO, E. F. C.; GALVÃO, J. B. **Pesquisa Intervenção e Análise Institucional: alguns apontamentos no âmbito da pesquisa qualitativa.** Revista Ciências da Sociedade, v. 1, n. 1, p. 54-67, 2017.

GOMES, N. L. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões.** Modos de fazer, p. 19, 2010.

GONÇALVES, C. H. R.; SILVA, C. A. F. da. **Transidentidades para uma educação física acolhedora.** Movimento, v. 27, 2022.

GONÇALVES, M. A. S. **A Educação Física e a questão da discriminação racial.** Kinesis, n. 8, 1991.

GONÇALVES, P. B. E. S. **Como educar-se/educar num mundo de crescentes desigualdades?** (How do I

educate myself/and how to educate in a world of growing inequality?). Crítica Educativa, v. 5, n. 1, p. 10-20, 2019.

KYRILLOS, G. M. **Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade.** Revista Estudos Feministas, v. 28, 2020.

MARINGONI, G. **O destino dos negros após a Abolição.** Desafios do desenvolvimento. Ano, v. 8, p. 70, 2011.

MOCELIN, C. E.; GROSSI, P. K. **Protagonismo negro, educação antirracismo e os quilombolas urbanos como "outros sujeitos": uma problematização necessária.** Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, v. 18, n. 46, 2020.

NEIRA, M. G.; SOUZA JÚNIOR, M. **A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos.** Motrivivência, v. 28, n. 48, p. 188-206, 2016.

NEIRA, M. G. **Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 40, p. 215-223, 2018.

OLIVEIRA, R. C. de. **Educação física e diversidade cultural: um diálogo possível.** Conexões, v. 5, n. 2, p. 19-30, 2007.

OLIVEIRA, R. C. de. **Não levo jeito, professor.** Grupo de

Estudo e Pesquisa e Educação Física e Cultura. 2010.

OLIVEIRA, N. D. et al. **Linguagens e Educação Física na BNCC: uma análise a partir das habilidades prescritas.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 43, 2021.

PAULON, S. M. **A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção.** Psicologia & sociedade, v. 17, p. 18-25, 2005.

PRADO, V. M. do; RIBEIRO, A. I. M. **Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais.** Revista de Educação PUC-Campinas, v. 19, n. 3, p. 205- 214, 2014.

RANGEL, I. C. A. et al. **Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas.** 2008.

RANGEL, I. C. A. **Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar.** Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p. 73-76, 2006.

SEVERINO, C. D.; GRANDE, R. C. B. **Educação Física escolar, homossexualidade e o reconhecimento da diversidade: um ponto de vista.** Anthesis, v. 5, n. 9, p. 79-91, 2017.

SILVA, E. M. da et al. **Políticas Públicas de Gênero para a Educação e a Educação Física no Brasil, na Argentina e**

no Uruguai. Educación Física y Ciencia, v. 22, n. 4, p. 1-21, 2020.

SILVA, P. B. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Educação, v. 30, n. 63, p. 489-506, 2007.

SOARES, C. L. **Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade.** Revista Paulista de Educação Física, p. 6-12, 1996.

TOLEDO, C. M. M.; RIGONI, A. C. C. **A EDUCAÇÃO FÍSICA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC): interpretações de um grupo de professoras da escola pública.** In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2021.

CONTATO:
AMANDAALCURE@GMAIL.COM

INSTAGRAM:
[@AMANDAALCURE](https://www.instagram.com/AMANDAALCURE)

